

A IMAGEM DO SUPER-HERÓI NA INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS COM CÂNCER: ENTRE A ENCENAÇÃO, A IMAGINAÇÃO E O IMAGINÁRIO

Fernando Berto **Furlan**¹
Luiza Liene **Bressan**²
Heloisa Juncklaus Preis **Moraes**³

INTRODUÇÃO

A imagem do herói protetor dos indefesos sempre teve espaço especial na história da humanidade. Personagens como Hércules³, Beowulf⁴, Aquiles⁵ e dentre tantos outros, são exemplos de que a personalidade heroica e corajosa de guerreiros destemidos, sempre fascinou o imaginário daqueles que ouviam tais narrativas. A diferença desses personagens mitológicos com os super-heróis modernos está intrinsicamente ligada à sociedade e seus avanços tecnológicos, além das ilimitadas possibilidades que um símbolo personificado pode representar. Enquanto que nos tempos antigos a crença em deuses, por exemplo, era difundida de geração em geração, como entidades que definem a vida dos mortais, os heróis modernos tiveram como primazia representar os problemas sociais da época na qual foram criados (Viana, 2005).

Os primeiros super-heróis comerciais surgiram nos Estados Unidos durante a década de 30, influenciados pelos contextos sociais da época, em especial os conflitos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Super-Homem e Capitão América são exemplos clássicos deste período. Ambos foram criados para atender a dificuldade de uma sociedade frágil e sem esperanças, sendo uma resposta clara contra as ideologias nazistas que disseminavam a superioridade da raça ariana, e um pedido para que a sociedade comum suportasse as consequências inevitáveis da guerra (Viana, 2003).

¹ Centro Universitário Barriga Verde (Unibave), Brasil.

² Centro Universitário Barriga Verde (Unibave), Brasil.

³ Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil.

⁴ Grande herói da Mitologia Grega. Filho de Zeus e da mortal Alcmena, conhecido por realizar doze tarefas incumbidas pelo oráculo de Delfos. Essas tarefas são chamadas de “Os doze trabalhos de Hércules”.

⁵ Herói da mitologia escandinava de força descomunal e de grande coragem, que lhe permitem levar a cabo grandes façanhas tanto na guerra como na batalha contra seres fantásticos.

⁵ Grande herói grego, mais conhecido por ter participado e vencido a guerra de Tróia.

O herói com seus trajes, significados e superpoderes é conhecido no mundo todo. Isso revela o poder atrativo e persuasivo que essa específica cultura de entretenimento gera nas diversas mídias. Dentre tantos motivos para essa popularidade – como os enormes números de fãs – está o atrelo significativo que a imagem heroica representa para a história humana. As características singulares de cada personagem enfatizam o homem e suas referentes potencialidades conquistadas pelo processo evolutivo. A bondade e altruísmo do Super-Homem, a inteligência do Batman, a extroversão do Homem-Aranha, assim como coragem, carisma, determinação e sabedoria que todos carregam em suas personalidades, são reflexos imaginativos de como o homem deveria se comportar em sociedade para fazer deste mundo, um lugar melhor para se viver (Reblin, 2010).

Com isso, propomos discutir o possível suporte psicológico que a imagem simbólica do super-herói transmite para crianças hospitalizadas com câncer a partir do estudo de caso do Batman do Brasil, personagem que atua nos hospitais do sul de Santa Catarina. A imagem, tão conhecida no universo da ficção, ganha espaço na teatralidade cotidiana, aproxima-se enquanto personagem, herói e, paradoxalmente, estabelece vínculo de proximidade e reafirma a sua condição de mito.

O assunto é de suma importância, pois o lúdico é, muitas vezes, deixado em segundo plano dentro dos tratamentos hospitalares, sendo que a criança enxerga o mundo à sua volta não com olhos adultos, mas com uma visão pueril frente a realidade que lhe cerca. O brincar acompanhado com o sorrir são importantes aliados na melhora do indivíduo em sua luta contra o câncer (Santos, 2012).

Vemos o imaginário, a partir de Bachelard e Durand, como potência, fazendo o “equilíbrio entre mito e história e dá um senso comum a ser partilhado. O imaginário coloca-se como reservatório semântico potencializador do cotidiano” (Moraes, Bressan e Jorge, 2018: 166). E, especialmente a infância como receptiva à imaginação e aos sonhos, fecunda em imagens, quer enraizadas na sua história bio-psíquica, quer nos processos de simbolização sociocultural. Esse diálogo entre “introversão e extroversão” (Wunenburger e Araújo, 2003: 39) é que se dá o trajeto antropológico proposto por Durand (1997: 41): “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. É nesta perspectiva que provocamos a discussão sobre a imaginação, a imagem do herói e a intervenção com crianças hospitalizadas

com câncer a partir da teoria do imaginário⁶. Estamos entendendo a atuação da personagem como uma teatralização, ainda que em ambiente adverso, mas que traz as questões de sensibilidade, empatia e afetividade na sua atuação (cênica e terapêutica).

DO IMAGINÁRIO AO SIMBÓLICO

Durand (2012) define o imaginário como um museu de imagens que é capital do *homo sapiens* e, por isso, o ser humano sempre se dispôs a dar significados a objetos e atos que vão além das suas próprias finalidades iniciais. Tudo à volta do ser humano é interpretativo. Isso pode estar relacionado desde elementos naturais como fogo e água, por exemplo, que podem para determinada visão cultural, serem manifestações de deuses na terra, até a forma de se vestir - estilos de calçados, cortes de cabelos e afins - que podem definir a ideologia de um indivíduo. Ou seja, toda imagem possui mais de um significado, dependendo da cultura do povo que as define e do simbolismo extraído dentro do contexto social.

Para Jung (2008), o homem possui duas concepções sobre os símbolos: os naturais e os culturais. Enquanto os naturais seriam simbolismos criados pelo inconsciente coletivo humano, onde são arquétipos essenciais herdados pela genética durante a história evolutiva, a segunda designa-se pela cultura, onde são usados com a finalidade artística, quase sempre utilizada pelas religiões.

Segundo D'Alviella (1995), os símbolos são tudo aquilo que seja analógico ou não, sempre representando algo ou alguém. Os símbolos raramente aparecem isolados, tendo por ideia central a união entre si para a construção de uma composição simbólica. Dessa forma, a união entre dois símbolos tende a criar ideias correlacionais, onde por consequência, criam um novo símbolo. Ou seja, a ideia simbólica por si só é uma representação, possuindo a capacidade de evocar compreensões que representem um significado ou ideia em comum, como por exemplo, o crucifixo, símbolo da fé e da religião cristã.

Os símbolos podem ser qualquer coisa, desde um nome, imagem ou formas que representem um significado complexo e muitas vezes inconsciente para o indivíduo. Dessa forma, o símbolo se torna vivo e dinâmico, podendo ser encontrados com frequência nos

⁶ Esta pesquisa foi submetida ao comitê de ética do Centro Universitário Barriga Verde e sua aprovação se deu sob o parecer nº 1.651.861 de julho de 2016.

sonhos – tanto aqueles originados pelo estado REM⁷ quanto os previamente planejados lucidamente - como uma representação individual e/ou coletiva entre os seres. A representação simbólica exercida no inconsciente possui um significado íntimo para quem a conscientiza, podendo ter uma definição diferente para o outro. Por isso, a interpretação do símbolo irá depender da condição do ego de quem a representa. Se este ego tiver superestima de suas qualidades, então a representação do símbolo - e sucessivamente seu significado - se diferirá da maneira como outro indivíduo com ego de inferioridade terá sobre a mesma representação deste símbolo.

A capacidade inata de imaginar alivia o drama da aventura humana diante da finitude: da noção e consciência do tempo à maldição tenebrosa da morte. A imaginação é autônoma, espontânea e atemporal, por isso, capaz de driblar a voracidade do Cronos, vencer a negrura da morte e triunfar perante o destino. Para Durand (2002: 123), “a imaginação atrai o tempo ao terreno onde poderá vencê-lo com toda facilidade”.

Durand (2012) revela que o imaginário constitui a matéria prima do espírito, o esforço do ser para levantar, ainda que de forma fugaz, a esperança contra a finitude da vida, manifestando-se como atividade que reinventa o mundo, como imaginação criadora. Esta, muito além de simples faculdade de formar imagens, é dinamismo organizador da representação: ao deformar os estímulos fornecidos pela percepção, a imaginação consiste em dinamismo reformador das sensações. Dessa forma, todo pensamento do homem é representativo, pois cada imagem que lhe é apresentada se agrega a um conjunto de possíveis articulações simbólicas complexas. Graças a essa capacidade, seu imaginário é sempre simbólico.

Os estudos de Gilbert Durand sobre o imaginário enfocam suas preocupações e discordâncias no caráter de desvalorização das imagens, presentes em teorias que privilegiam a consciência racional, menosprezando realidades cuja compreensão se dá apenas pela razão, pontuando aí, as questões do inconsciente, a imaginação, a fantasia, os mitos e a subjetividade. Para ele, as imagens simbólicas fazem parte do imaginário que se constitui como “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens [...], o grande denominador fundamental aonde se vem encontrar todas as criações do pensamento humano” (Durand, 2012: 18). Este acervo imaginário, que é simbólico, além de se consistir em uma coletânea de imagens, vai além disso, considerando a subjetividade e

⁷ O sono REM (Rapid Eye Movement ou Movimento Rápido do Olho) se caracteriza por ser a fase onde ocorrem os sonhos.

permitindo a implicação de uma coletividade, superando a fragmentação. Este estudioso defende a ideia de que o imaginário é o alicerce fundante onde se constrói as concepções de ser humano, de mundo e de sociedade.

HERÓIS E A SIMBOLOGIA QUE OS ENVOLVEM

Para Salgado (2005) as ações praticadas pelos super-heróis são por vezes copiadas pelas crianças e aplicados durante sua rotina infantil. Isso revela-se um problema quando atitudes agressivas como lutas entre o mocinho e o vilão, podem resultar em um comportamento potencialmente agressivo entre as crianças. Contudo, valores éticos atribuídos a personagens como Batman, Super-Homem e Homem-Aranha, os quais são mais conhecidos pela sua bondade e valores éticos, revelam que a criança também espelha tais comportamentos, apresentando um fator positivo enquanto na fase de formação da personalidade.

Quando a criança cria o conhecimento sobre o que representa ser um herói, ela conseqüentemente passa a reproduzir as ações que seu personagem favorito produz na tela da TV e/ou histórias em quadrinhos. Esta ação lúdica e mágica, onde a personalidade é caracterizada por roupas excêntricas, o ímpeto corajoso e o sentimento de ser uma pessoa importante, despertam na criança a curiosidade e criatividade ante o mundo ao seu redor, influenciando-o - seja direta ou indiretamente - em sua visão de certo e errado (Munarim, 2004).

Segundo Loeb e Morris (2005) os super-heróis trazem a importância da disciplina, do sacrifício e dos benefícios de se fazer o bem. Isso permite com que nossa visão sobre certo e errado se amplie, muitas vezes redefinindo códigos morais, enquanto ao mesmo tempo servem de entretenimento. Eles salientam que os perigos podem ser enfrentados e vencidos, além de exibirem a importância de se moldar às adversidades, mesmo quando o que devem enfrentar são seus piores medos.

Alguns personagens possuem uma maior tendência a serem apreciados pelas crianças, desde pelos seus altos índices de carisma até pelos seus reconhecidos feitos heroicos. O Super-Homem, por exemplo, ao ter consciência do seu enorme poder, usa-o para ajudar pessoas em perigo. Isso faz com que a criança reflita sobre a moralidade, mesmo em termos lúdicos. Já o Homem Aranha, alter ego de Peter Parker, transmite os entraves do que é ser um adolescente enquanto precisa lidar com grandes responsabilidades por possuir superpoderes.

O fato de optar em ajudar as pessoas sem receber nada em troca por isso, mostra para a criança que atos bondosos são dignos de louvor, apesar das dificuldades apresentadas no dia a dia. Escolher fazer o bem, ajudar os indefesos e aprender com as adversidades da vida, apresentam ao espectador infantil que, para ser um super-herói não é preciso ter habilidades extra-humanas, mas apenas agir com as convicções certas (Weschenfelder; Kronbaueri, 2010).

As crianças, por ainda não terem um pensamento crítico sobre a mídia, idealizam o mundo ao seu redor da maneira como a compreendem. É através do imaginário que o significado das coisas tende a surgir em suas mentes. Ao misturar ficção com realidade, super-heróis com pessoas reais e atitudes boas e más transmitidas na tela da TV em situações do cotidiano, fazem com que a criança desenvolva comportamentos que reproduzam sua perspectiva de mundo. A personalidade assim, molda-se com seu imaginário criativo (Confessor, 2011).

O princípio básico de qualquer herói é superar suas próprias adversidades e moldá-las para sua superação. Somente assim poderá “salvar” os indefesos e fazê-los compreender seus ensinamentos heroicos. O entrevistado, ao caracterizar-se como Batman e visitar as crianças com câncer, também foi moldado pelos infortúnios da vida, os quais contribuíram para a sua jornada rumo ao entendimento do que significa ser um herói. Segundo Campbell (1995) herói é o indivíduo que venceu seus limites pessoais alcançando novos entendimentos sobre as dificuldades da vida. Todo esse conhecimento origina-se da primariedade dos pensamentos humanos e de como os sentidos de sua existência serão por ele interpretados. Se obter êxito neste processo, então o homem morre, dando lugar ao herói que transcende os limites de entendimento ao vencer os adversários. Assim, com o conhecimento aflorado, este herói enfim poderá ensinar suas lições de vida para quem dela necessitar. Sua jornada pessoal de superação passa a se tornar símbolo de perseverança para outras pessoas.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS EM CRIANÇAS COM CÂNCER

A doença vista pela perspectiva da criança é um fato inesperado que bloqueia os costumes infantis, tornando-os distantes e muitas vezes inatingíveis, devido aos processos de internação a qual a mesma deve passar. Essa interrupção faz com que o processo infantil seja desassociado na mente pueril, onde sua maior experiência de vida está intrinsecamente ligada aos trâmites hospitalares (Cardoso, 2007).

Segundo Lepri (2008) o adoecimento e os processos de hospitalização fazem com que a criança tenha experiências não raramente ameaçadoras. A enfermidade acaba por ocasionar tanto para a criança quanto para os familiares a ideia sobre vida e morte, e sobre o medo que a perda poderá gerar frente ao estado de saúde em que o doente se encontra.

O hospital tende a se tornar um meio estressor para a criança, influenciando negativamente o psicológico da mesma. O sofrimento emocional, assim como reações comportamentais negativas, podem se tornar habituais, vista a drástica mudança na vida do paciente. Isso está ligado ao medo da dor física, dos exames médicos necessários, do afastamento familiar e do próprio ambiente hospitalar. Dessa forma, sintomas como ansiedade generalizada e depressão podem se originar durante o período de internação (Sanchez, 2011).

A criança possui dificuldade de entender o que realmente está acontecendo em sua vida. Explicar sobre o câncer, os trâmites médicos necessários e todos os procedimentos que deverá ser submetida não é tarefa fácil. Contudo, fazer a criança entender e aceitar o que está acontecendo é de extrema valia para a evolução do tratamento, sendo as brincadeiras o melhor meio de auxiliá-las com seus medos e pensamentos sobre o procedimento de hospitalização ao qual estão submetidas. (Ribeiro; Sabatés e Ribeiro, 2001)

Segundo Almeida (2005) o brincar acaba ajudando o profissional a trabalhar melhor e entender os sentimentos da criança, podendo ter resultados mais positivos diante o processo de internação. Dessa forma, o envolvimento da criança com os diversos profissionais a qual passa a ter convívio, tende a se tornar menos estressante.

O tratamento do câncer - sendo invariavelmente necessário a internação - tem como principais características, fatores estressores tanto para a criança quanto para os familiares. Por isso, é importante que o paciente se adapte da melhor maneira, para que possa enfrentar a situação com o menor sofrimento possível. A cura não deve estar visada apenas nos fatores biológicos, mas também no cognitivo do paciente, sendo que neste momento, a participação e parceria da instituição junto com os familiares deve se encontrar em harmonia, para que o enfermo se sinta melhor acolhido por ambos (Caldas, 2013).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Temos como metodologia a análise hermenêutica simbólica, através de um estudo de caso, que nos permita a discussão sobre o uso da imagem do super-herói na intervenção com crianças hospitalizadas com câncer, ancorados na perspectiva de um imaginário como um

museu de imagens mas também a capacidade de produzir estas imagens que são colocadas como motivadoras da vida, na teatralidade do cotidiano. Dizemos, pois, que percebemos o Imaginário como reservatório e motor, que armazena, mas mobiliza novas imagens e ressignificações, funcionando como um organizador de toda representação.

A pesquisa foi realizada com o Batman do Brasil figurado por Cristiano Zanetta de Matos, 38 anos, casado, pai de uma filha, residente na cidade de Tubarão, empresário, formado em Educação Física e voluntário em diversas causas sociais. Cristiano atua como Batman do Brasil nos hospitais da região sul catarinense, levando mensagens de força e superação para as crianças hospitalizadas, especialmente na área oncológica. Por vezes, a pedido de pais, também visita crianças enfermas em suas casas auxiliado por sua batmoto.

Ao se estudar a imagem do herói Batman a partir da visão da personagem, compreendemos o quão o imaginário é importante para o indivíduo e sua visão de mundo. Segundo Silva (2014) o imaginário funciona como gerador e organizador na vida dos indivíduos, aquele que relaciona a vida do homem consigo mesmo e com o mundo. Esse sistema dinâmico de imagens, possibilita a interação entre o racional e o imaginário, fazendo com que ambos se cruzem em uma única via de pensamento. O mito e seus símbolos são pregnantes à medida em que resistem à dispersão no tempo, ainda que sua atualização possa ser retomada pela via do estereótipo ou mesmo da ressignificação (Moraes, 2016). E a imagem, geralmente, mobiliza a comunhão (Moraes, 2012).

Ao tratar-se do câncer e da finitude da vida que a doença configura, a imagem se revela como grande precursora de diversas emoções. Não raro as vezes, o imaginário manifesta no indivíduo sentimentos de angústia, onde a imagem e símbolos de morte geram um enorme sofrimento, provocando uma luta ainda mais difícil contra o tempo e a fragilidade do homem. A vida é um movimento contínuo contra a morte e o tempo, uma luta heroica, assim como um sinal de apaziguamento com a mortalidade, cujas dores e sofrimentos fazem parte do aprendizado humano. Por isso, a progressão entre pesar e aceitação é o caminho trilhado por quem sofre com as marcas do câncer. O paciente procura uma estabilidade entre a serenidade da vida e a resistência contra a morte. Ou seja, luta, mas também descansa, revida, mas também perdoa (Durand, 1997).

Sendo assim, Bachelard (1989) expressa que o imaginário e os símbolos culturais transformam-se em figuras de profundos significados à mente que os interpreta. Para poder expressar todo o seu significado, a imagem deve operar livremente para ampliar e modificar seus vieses interpretativos, segundo a realidade do sujeito.

Com isso, a entrevista a seguir, apresentará como a imagem do Batman modifica o íntimo da criança a qual entra em contato, pois, a representação imaginativa do mesmo está intrinsecamente ligada à superação, fator esse, que se faz necessário para o tratamento contra o câncer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já anunciamos na metodologia, a pesquisa foi realizada a partir de uma entrevista semiestruturada com Cristiano Zanetta de Matos que se veste de Batman e realiza um trabalho junto às crianças que enfrentam o tratamento quimioterápico em hospitais, em especial de Tubarão e Criciúma.

Conforme nos relatou, foi em sua infância que vivenciou uma experiência em que a imagem do super-herói foi fundamental para superar um trauma. Em suas palavras:

O Batman, ele surgiu na minha vida depois de um trauma de infância. Eu tinha seis anos de idade, acabou pegando fogo na minha casa e meus pais não estavam presentes. A gente estava sendo cuidado por uma empregada e esse fogo foi muito rápido e a empregada estava na rua e não conseguiu entrar em casa para ajudar a gente, ela estava na parte de trás da casa e o fogo acabou se alastrando. Eu tinha uma irmã de cinco anos e uma de um. Tentei abrir a porta, eu era muito fã do Super-Homem na época, tem roupas minhas imitando o Super-Homem, e eu não conseguia abrir a porta, daí eu saí para pedir ajuda, e as pessoas que conseguiram entrar pela parte da frente começaram a roubar e eu só preocupado em salvar minhas irmãs, aonde veio o corpo de bombeiro e salvou elas. Acabei tendo vários traumas, um deles foi dislexia, e eu não gostava mais de pessoas também, acabei tendo terror noturno (Matos, 2016).

Dessa forma, a imagem do super-herói vem auxiliá-lo a vencer a dureza da realidade, conforme relata:

Eu fui para uma psicóloga e ela me apresentou o Batman, um herói. E ela mostrou que o Batman não tem poderes, é uma pessoa normal, eu associei ao corpo de bombeiros, que possuía um cinto de utilidades igual ao do Batman, e enfrentava o perigo, onde muita gente fugia ou se aproveitavam da situação (Matos, 2016).

Aqui aparecem as origens do herói vivido pelo entrevistado. A vivência traumática na infância e a superação foram possíveis por meio de uma estrutura heroica, relacionada à imagem do Batman. Rubio (2001: 88) relata que “o nascimento do herói é precedido de oráculos, acompanhado de bons augúrios (presságios) ou de premonições infelizes que apontam a rejeição e o abandono (desgraça) condenando ao infortúnio”.

Outro fato relatado foi sua participação no grupo “doutores da alegria”, que conforme Oliveira (2008), são pessoas voluntárias que visitam pessoas hospitalizadas vestidos de palhaços, com o intuito de estimulá-las com brincadeiras para que a alegria proporcionada nesses momentos, auxilie-os no tratamento. Nas palavras do entrevistado: “quando você está hospitalizado, você entra em um estágio de carência, onde qualquer afeto é muito bem-vindo, o toque, uma carícia, um cafuné [...]”

Contudo, deste aprendizado inicial ao visitar a ala oncológica infantil, percebeu que a imagem do palhaço - o primeiro herói construído - não era o mais indicado, pois conforme relatou:

Como palhaço eu não conseguia ter uma credibilidade em uma conversa franca, porque o palhaço sempre leva na brincadeira. Como sou muito fã do Batman e utilizo a psicologia dele, esse personagem da ficção, como um fator motivacional para mim, eu resolvi ir atrás de uma roupa e fazer essas visitas de Batman (Matos, 2016).

Batman/Bruce Wayne é um personagem que atrai fãs no mundo inteiro. Ele não possui superpoderes nem qualquer qualidade extra-humana que lhe facilite no combate contra o mal. Sendo apenas um ser humano, assim como todos nós, Batman cativa por possuir qualidades e defeitos que tangem o imaginário infantil e adulto, em que o cerne principal de sua imagem heroica está na sua força de vontade, coragem, instinto de superação e a aguçada sede de justiça. Essas representações morais muitas vezes fazem com que o indivíduo, ao tomar conhecimento da filosofia que sustenta o personagem, crie uma afinidade com o mesmo, mostrando que de muitos super-heróis existentes, Batman está no nível dos mais populares (Silva, 2011). O objetivo de suas ações é tornar-se um símbolo de esperança. Batman quer que o povo tenha a coragem para enfrentar seus medos e assim fazer de Gotham, local de um crime contra seus pais, uma cidade melhor (Silva, 2011).

Assim como na ficção, o herói desta narrativa também procura se constituir como um ser humano que combate o medo da morte causado pela doença, o câncer, e que, em muitos casos, interrompe a trajetória da vida infantil, impondo limites e dores provocadas pelo tratamento agressivo da quimioterapia. Para o entrevistado, tratar o emocional da criança com

câncer é mais complexo, uma vez que ela muitas vezes, não possui uma memória positiva a ser recuperada, como no caso de um adulto. O paciente tem dúvidas de como será sua vida, já que a infância não foi devidamente aproveitada. Na fala do entrevistado:

Para a criança é mais difícil, porque ela as vezes acontece de já ter a doença e ela não sabe o que é ter uma vida saudável. Por uma questão de eu vivenciar muito, eu ficar em hospital, eu sempre fui uma criança muito fraca. Eu transmito isso para a criança, fazendo com que ela acredite que ela vá perder uma fase da vida, e eu nunca minto para ela, mas elas podem ter uma outra parte da vida muito boa, a adolescência, e eles perguntam “a mais daí se eu for grande, não vou poder mais brincar” e eu sempre digo que a diferença do adulto e da criança é o preço do brinquedo (Matos, 2016).

Pela dificuldade relatada, a imagem do Batman corresponde ao herói que, por sua similitude com o ser humano, mais se aproxima da criança como forma de enfrentar o medo da morte e da evasão da imagem de infância feliz.

Por isso, ao conversar com os pacientes, o entrevistado relata que, só a imagem do Batman não é o bastante para que seu trabalho tenha sucesso: é preciso agir como o personagem e falar como ele. No momento das visitas não é uma pessoa vestida de Batman que procede às intervenções, mas sim, o próprio Batman quem ali se faz presente.

A comprovação desses fatos se apresenta de forma ainda mais clara, quando o Cristiano afirma que os pacientes após a recuperação, passam a conhecê-lo sem a máscara, mas que, apesar da imagem do herói ser revelada, seu simbolismo continua a ser forte para a criança:

Elas me conhecem sem a máscara. Só que acaba tendo uma coisa tão intensa que acaba ficando a imagem do Batman mais forte. Acredito que elas têm que se apegar a alguma coisa e o fato do Batman não ter poder nenhum e ser um super-herói, praticamente quase o melhor de todos, e que se existisse seria acho o único que seria apenas humano, faz com que as crianças se sintam mais próximas a ele (Matos, 2016).

O herói expressa, além do carinho, a conscientização de que os processos para se chegar à cura serão por vezes difíceis e dolorosos. Em suas palavras: “[...] *carinho não cura, o que cura é o amor, e o amor machuca*”. Esse método de intervenção expressa a responsabilidade que a imagem do personagem tem em sua ânsia de ajudar o próximo. Ao procurar não esconder da criança o sofrimento que irá passar para chegar ao objetivo

desejado, a cura, o símbolo Batman automaticamente ensina aos pacientes o caminho apropriado para sobressair-se diante das adversidades da vida.

Com isso, para que suas intervenções tenham melhores resultados, são utilizadas técnicas da logoterapia como forma de tratamento. Em suas palavras:

Muitos casos, acontecem de morte, quando a criança ela se recupera e ela vai para casa, e aí começa a entrar uma outra depressão. Crianças que foram mutiladas, foram amputadas, e não conseguem voltar para a sua rotina. Então a gente faz todo o trabalho usando uma metodologia do Viktor Frankl – o criador da logoterapia – projetando o sonho dessas pessoas (Matos, 2016).

Segundo Silva e Breitenbach (2009), a logoterapia se utiliza de técnicas para mudar o estado de desarmonia em que o paciente se encontra. Quando o problema é identificado, logo é proposto o contrário. Para isso, o paciente deve agir de maneira diferente diante do problema. O medo, assim, poderá passar para desejo, e com isso, a superação ocorrerá sequencialmente. No caso acima, a criança pensa na morte. A ideia contrária à morte é a vida. Para a criança pensar na vida, é preciso fazê-la projetar para um futuro próximo, sonhos que ela ainda não realizou e gostaria que se cumprissem. Dessa forma, a técnica da logoterapia faz com que a criança passe a ver no Batman, a imagem não apenas de superação, mas de que ela pode também encarar a dor resultante da doença com olhar de esperança. Segundo Jung (2008: 122) afirma:

Quando este processo obtém êxito vemos a imagem total do herói emergindo como uma espécie de força do ego (ou, se nos exprimirmos em termos coletivos, como uma identidade tribal), que já não necessita então vencer monstros e gigantes. Atingiu um ponto em que estas forças profundas podem ser personalizadas.

Neste caso, o personagem Batman deixa de ser apenas uma imagem, para dar lugar à extensão do ego do paciente. Ao ver no herói um símbolo de força, a criança passa a se ver também como parte desta superação, emergindo dentro de si o vigor necessário para fortificar sua personalidade e enfrentar seus próprios monstros. Neste caso, o câncer e a depressão não são mais caracterizados como inimigos, mas como processos evolutivos de sua individualidade.

Segundo as experiências do entrevistado, as crianças ao serem visitadas pela primeira vez, reagem de diversas maneiras:

Tem criança que aceita. Tem criança que tem medo. E tem criança que fica na dúvida. Tem crianças mais grandes, quase adolescentes que ficam na dúvida. Então eu sempre abro o jogo para elas. “Olha, eu não sou o Batman daquele do desenho animado. Eu tive uma história parecida com a tua, passei por isso... Aconteceu isso, hoje eu faço esse trabalho” e aí acabo conversando com elas assim. As crianças que tem essa parte lúdica muito forte, acreditam, eu deixo entrar nesse mundo e acabo trabalhando isso com elas depois. Porque não é o que você acredita, mas a força que te faz crer (Matos, 2016).

Ao esclarecer para os pacientes que ele não é o Batman visto em outras mídias, mas alguém que, assim como eles, também passou por problemas de saúde durante a infância, Cristiano consegue criar um vínculo de afinidade positivo já em seu primeiro contato. Como visto anteriormente, a franqueza com os pacientes é um fator essencial para se conseguir uma melhor resposta durante a intervenção. Por outro lado, as crianças que ainda associam o herói da vida real com o herói da ficção, devem puerilmente permanecer nesta fantasia, já que entre tantas dores reais, a imagem de um símbolo heroico, pode ter uma representação ainda mais significativa para a melhora do paciente. Como Jung (2000: 173) revela:

No campo da medicina, as fantasias são coisas reais, às quais o psicoterapeuta tem que levar seriamente em conta. Ele não pode negar a legitimidade daqueles phantasmata primitivos, cujo conteúdo é tão real que devido a isso são projetados o mundo exterior. Em última análise, o corpo humano também é constituído da matéria do mundo e é nela que as fantasias podem ser experienciadas.

Contudo, a dor gerada pela doença não atinge apenas as crianças, mas também os familiares. Segundo o entrevistado, o medo dos pais de que seus filhos deixem que a doença vença é tão grande, que os mesmos se utilizam de todos os trâmites possíveis na esperança de trazer de volta o desejo de viver desses pacientes:

A gente pega experiências assim de crianças que pedem para os pais matarem elas, crianças que não falam, não comem para poder morrer de fome, porque a dor da quimioterapia é mais forte. Então a gente tenta convencer elas a continuarem o tratamento dolorido (Matos, 2016).

Por isso, o herói precisou evoluir junto com os pacientes e seus familiares, visto que a pressão de se visitar um número cada vez maior de pessoas hospitalizadas estava começando a atingi-lo negativamente:

Eu conheci um processo chamado inteligência emocional a quatro anos atrás, que cada vez que eu saía do hospital, eu saía muito ruim. E comecei a trabalhar sobre isso e me ajudou muito. Eu tive que evoluir junto com trabalho que eu fazia, porque as ocorrências começavam a aumentar. Hoje tem casos de mães que me ligam já em casa tipo “olha, meu filho estava internado, e o hospital liberou a gente porque ele não quer mais fazer tratamento”. Existem casos de eu ter que pegar minha moto e percorrer 500km, 600Km para convencer a criança. Hoje eu não posso parar o que estou fazendo (Matos, 2016).

O herói ao cursar caminhos tortuosos, deve recorrer a forças que o condicionem a vencer suas dificuldades, para que, assim, possa dar continuidade a sua empreitada. Dessa forma, o símbolo heroico precisa sempre equipar-se de métodos e ferramentas para dar continuidade aos seus ideais. Rubio (2001) nos revela a existência de dois tipos de heróis: o físico e o místico. O herói físico deve enfrentar as adversidades – monstros – que o impedem de prosseguir pelo caminho que o tornará um guerreiro íntegro. Para combater a criatura opressora, o mesmo utiliza-se de armas – espada, lanças - para se proteger ante as investidas da fera. Com isso, sua formação heroica consiste em matar o inimigo que o desafia e assim conquistar a tão sonhada completude heroica. Por outro lado, o herói místico empreita sua viagem a percursos menos arduos e hostis, escolhendo trilhar o caminho interior. Suas armas não servem para aniquilar a hostilidade do mal, mas para defender-se contra adversários interiores – medo, raiva – que o impedem de encontrar o centro de sua essência. Ou seja, ao integral, ao completo.

Saber o que falar é um dos principais fundamentos de quem atende pessoas hospitalizadas. Usar as palavras inadequadas para o momento, pode gerar resultados que retrocedam o processo de recuperação do paciente:

Se você falar alguma coisa errada nesse ponto, você pode prejudicar o trabalho da criança. E muita gente visita e ainda acaba falando muito sobre doença tipo “Ah, eu vi um menino da sua idade que morreu com essa doença também” e não é por aí o caminho, tem que trabalhar com outro tipo de foco. Na verdade, tem que saber mais escutar do que falar. E o ponto crucial é você ser sincero para a criança. A criança ela acaba sabendo fazer a leitura dos olhos de tanta dor que ela sente e o sofrimento que ela passa, que no momento que você mentir ela sabe e vai perder a sua confiança e ali morreu. Então tem que ser sincero (Matos, 2016).

Por isso, não basta saber utilizar-se do lúdico para produzir um melhor resultado na criança. É preciso mais, um conhecimento sobre como associar palavras certas com os símbolos heroicos corretos. Mesmo que o Batman se apresente diante do paciente como sinal de esperança, caso suas palavras venham representar o contrário, o auxílio à recuperação da criança seria nulo. Por isso, o afincado do herói em saber o que dizer, quando dizer e como dizer, mostram-se como um diferencial importante em suas visitas. Em outro momento reitera: *“eu começo a conversar com ela, eu começo a pedir permissão para o toque, para encostar, ali eu sinto que é mais forte, assim, uma confiança de você passar para ela e ela acreditar realmente que ela pode ser curada”*. Essa importância de como utilizar a imagem junto com as palavras é relatada quando Alves, Schroeder e Barros (2014: 61) enfatizam que “[...] a comunicação não só fomenta e coloca em circulação imagens, contribuindo para sua eficácia, como também reprime boa parte delas”.

Contudo, nem sempre a imagem do Batman faz sucesso com todas as crianças. Há casos em que, ao tentar uma aproximação, o resultado não é como o esperado. Foi então que percebeu a necessidade de uma imagem feminina no processo de intervenção em casos específicos:

Eu tentei fazer um trabalho com uma menina e a imagem do Batman para ela não era tão forte como se fosse para um menino. E aí eu consegui uma máscara de Batgirl, conversei com uma amiga minha que trabalha com maquiagem, e ela é maquiadora profissional, e ela foi lá e maquiou essa menina. E essa menina estava num estágio de depressão que não falava mais, ela se comunicava através de escritas, num quadro. Apagava e escrevia. E ela começou a falar. A mãe e a avó estavam presentes, começaram a chorar, emocionou todo mundo, daí eu vi a importância de colocar um símbolo feminino junto (Matos, 2016).

A representação feminina facilita, assim, uma melhor abordagem nos casos em que o símbolo heroico masculino não é tão eficaz. Dessa forma, a imagem da mulher heroica, retrata no íntimo de quem se assemelha às mesmas, uma nova perspectiva de como lidar com a doença. Os resultados trariam os mesmos benefícios que o Batman da vida real, contudo, destacando o lado feminino da paciente.

Seguindo este pressuposto, Cristiano, por vezes, convida amigos para participarem em suas visitas, em que os mesmos, também vestidos de outros heróis, conduzem uma intervenção não tão intensa nas alas oncológicas. Esta ajuda extra serve, segundo o relato, para que, ao precisar realizar uma intervenção mais intensa em pacientes específicos, as outras

crianças - que já se encontram com o processo de recuperação estável - não se sintam discriminadas por não receberem a mesma atenção, e com isso, voltem a piorar. Dessa forma, o Batman naquele momento, não precisa estar presente para atender a todas as crianças, deixando este encargo para os outros heróis. Nesses auxílios, os pacientes ao mostrarem interesses em quererem melhorar, recebem tanto presentes como cada vez mais elogios, fazendo-as permanecerem motivadas e firmes contra a doença.

Assim, ao sentir-se incentivada em conquistar a cura, a criança passa a enxergar-se como a sua própria heroína, capaz de sobrepujar o seu maior inimigo, o câncer. Soares e Chalhub (2010) afirmam que os ídolos, entendidos aqui como os heróis, são necessários para a criança, ao exemplificarem o quão importante é acreditar em si mesmo e na real indispensabilidade de interagirem socialmente com outras pessoas. Tais fatores lhes possibilitariam enxergarem experiências prazerosas e agradáveis, contrariando a visão singular do bucolismo doente que a enfermidade proporciona aos enfermos. Esse contato com os dilemas humanos representados pelas histórias dos personagens, servem como fortalecedores das emoções do paciente, fazendo-os controlar seus sentimentos e pensamentos negativos – depressão, desistência à vida – conduzindo-os a uma nova e hábil forma de ver e interpretar o mundo e a sua crença na recuperação. Vemos, especialmente no imaginário infantil contemporâneo, essa identificação com mitos ressignificados, mas que atuam como mobilizadores de cotidiano muito via tecnologias do imaginário (Moraes, 2017; Damázio e Osnildo, 2018).

A infância é representada pela simplicidade e pela capacidade criativa que tal idade representa. Contudo, a doença evolui rapidamente a visão de mundo da criança:

As crianças que passam por câncer elas têm uma evolução em relação as outras muito grande. Muito grande. Os aniversários que eu vou, você realmente vê que são crianças, brincando, com medo e perguntam do Robin, da Batgirl, aquele mundo mais de ficção. A criança com câncer ela tem uma conversa mais em relação a dor, a sofrimento, se eu morrer o que que acontece, uma coisa assim que as vezes você não está preparado, mas chega na hora eu consigo dar uma resposta positiva para a criança, mas é mais intenso. A fala também é mais evoluída. Uma criança que está mais perto da morte ou está passando por isso, parece que ela não é só criança, ela é evoluída espiritualmente. Ela tem, não sei se é a força dela, sabe, nesse momento que ela tem que se fortalecer em um curto período de tempo, que faz com que ela tenha uma percepção diferente. A dor fortalece. Mas você não espera ver isso de uma criança (Matos, 2016).

O câncer, mais do que uma doença, simboliza a finitude humana. Ao deparar-se com este fato inegável da vida, a criança percebe que morrer não é uma opção, mas um processo que mesmo ela, em tenra idade, terá que aceitar. Dessa forma, lidar com a morte torna-se uma questão comum, visto que não lhe foi dada oportunidade de ignorar o ato de morrer, presentes nas crianças que não se encontram doentes. Segundo Durand (1993), a imaginação conduz o comportamento do indivíduo à disparate de tentar evitar a morte através da inteligência, criando um elo antagônico entre o ato de morrer e a vontade de viver. Essa reação por sua vez, enfatiza o simbolismo de que a morte jamais pode ser combatida, gerando no paciente sentimento tanto de impotência, por não conseguir vencer a morte, quanto de fortalecimento, de que o mundo é uma eterna renovação de vidas, ideias e sonhos. Ao tornar-se vítima da dor, sua infantilidade metamorfoseia-se à consciência de que a vida possui início e fim.

Em uma de suas visitas, relata o personagem, deparou-se com uma situação diferente. Ao encontrar na frente do hospital uma criança vestida com a capa do Batman o esperando, recebeu da mesma o pedido para que ele, o herói, devolvesse o cabelo para a sua avó, que os havia perdido para o câncer. Neste dia, sua visita limitou-se a ala oncológica adulta, onde Batman conversou apenas com esta senhora. Ao voltar para onde o neto se encontrava o mesmo relatou:

Eu voltei e falei: “Oh, sua avó é uma pessoa muito forte, uma pessoa muito alegre e isso conta muito, para o lado positivo. Mas eu não sou o super-homem. Eu não sou o lanterna-verde. Eu não tenho poder. A única coisa que a gente pode fazer é ter fé” Falei de fé, falei de força. E o menino me abraçou e a gente chorou e me despedi da mãe do menino que estava ali e ela falou que ele estava a horas esperando para falar comigo, para curar a avó. E aí eu peguei minha moto e fui embora assim, e naquela hora eu vi que eu não podia parar. Pessoas já estavam dependendo de mim. Pessoas que não estavam passando por aquilo, achavam que era besteira. Mas as pessoas que estavam passando por aquilo, tinham uma outra realidade. Eu tinha que ver aquelas pessoas. Eu não podia. Eu tinha que esquecer o meu orgulho, esquecer a minha vergonha e tinha que fazer o que eu estava fazendo. Muita gente não me conhecia, não sabiam o que eu fazia, mas eu passava por ridículo e deixo passar, porque eu sei que estou fazendo o bem para alguém (Matos, 2016).

A imagem do herói para a criança foi representada como a esperança crível de que sua avó poderia ser beneficiada pelos poderes do personagem. Jung (2008: 112) elucida que:

A história do herói toma formas particulares, que se aplicam a determinado ponto alcançado pelo indivíduo no desenvolvimento da sua consciência do ego e também aos problemas específicos com que

se defronta a um dado momento. Isto é, a imagem do herói evolui de maneira a refletir cada estágio de evolução da personalidade humana.

Dessa forma, o herói tanto fictício quanto da vida real, é símbolo que desperta no indivíduo que o admira, a descoberta do herói interior. Ou seja, a força necessária para salvar a si mesmo dos monstros reais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imaginário é caracterizado por sempre obedecer um fundamento dotado de autonomia, que permite extrair particularidades coerentes de um mundo, tornando-as determinantes para que as estruturas simbólicas criadas pelo indivíduo, adotem formas palpáveis no campo físico/material. Assim, a imagem deixa de ser apenas uma expressão da inteligência do ser, para se tornar um símbolo ativo, provido pelo poder transformador de alterar a percepção sobre a vida daqueles que experienciam direta ou indiretamente, a importância da imagem simbólica.

O herói, enquanto simbolismo, atua como a representação ascensionista do profano ao sagrado – da doença à esperança. A imagem heroica, respondendo a sua própria natureza, potencializa a criatividade do indivíduo em produzir respostas positivas ante ao mundo que o condena ao caos. Esta forma arquetípica, moldada para o símbolo, resulta em uma imagem do mitológico, o mito, representando aqui, a racionalização das ideias humanas.

Antes de qualquer iniciativa de intervenção, Cristiano precisou como ponto de partida de sua jornada, construir-se como o herói de si mesmo. Esta construção é originária de suas próprias vivências, em principal, as traumáticas, que o fizeram invocar a persona heroica de sua própria vida. Assim, a construção dessa jornada pessoal transmutou-se a nível simbólico, ao ponto de idealizar visitas nas alas oncológicas dos hospitais da região sul catarinense. Sua superação é a força motriz que o impulsiona a mostrar para os pacientes que enfrentam diariamente batalhas contra o câncer, os caminhos a serem trilhados para a superação.

Diante desses fatos, da valorização das imagens fundamentadas nos procedimentos psíquicos, a psicologia se atém a importância do imaginário para a evolução terapêutica do paciente. Esta afirmativa é ainda mais clara nas crianças, quando sua crença – ainda simbólica - de recuperação, passa a apresentar resultados físicos visíveis, ao simples fato de crerem que tanto o herói externo, Batman, quanto interno, o Eu, são provedores de sua cura, o que

maximiza a ânsia do paciente em acreditar nas suas capacidades de recuperação e de encontrar significado para a sua vida.

A esperança é um sentimento que deve ser levado em consideração quando o paciente se encontra hospitalizado por alguma enfermidade grave. No caso de crianças com câncer, esse artifício deve ser mantido com mais intensidade, visto que a criança, muitas vezes, não possui todo o conhecimento necessário sobre o que lhe ocorre. A imagem de um super-herói, como visto nos resultados, pode sim manter a vontade de viver nos pacientes. O lúdico, neste caso, é uma arma importante para se trabalhar, visto que é um caminho viável para fazer a criança expressar seus sentimentos quanto à doença de maneira mais clara e precisa. Certamente que só a imagem do herói não basta para que o paciente supere todos os processos do tratamento, visto que a importância do apoio dos pais e da assistência médica se fazem essenciais. A personagem, herói, coloca-se em cena para uma atuação íntima, participativa e empática. Sua imagem, atuando na intervenção com as crianças hospitalizadas, orbita entre a encenação, a imaginação e o imaginário. Este último, potência de toda representação.

Contudo, é nos momentos de aflição, quando os familiares estão exaustos e os profissionais da saúde não sabem como tocar emocionalmente a criança para que a mesma se ajude no tratamento, é que a imagem do Batman se mostra necessária. O Cavaleiro das Trevas, o vigilante de Gotham, o herói da vida real. Não só um homem por trás da máscara, mas um símbolo de que nem tudo está perdido. Nessas horas, Batman aparece, não para salvá-las do perigo, mas para renovar suas esperanças, motivando-as a vencerem o seu pior arqui-inimigo: o câncer.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio Lopes. SCHROEDER, Tânia Maria Rechia. BARROS, Ana Taís Martins Portanova. *Diálogos com o Imaginário*. Curitiba, PR: CRV, 2014.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BARROS, Ana Taís Portanova. Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. *Intercom- Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.33, n. 2, p.125-143, jul./dez. 2010.
- CALDAS, Julie Anne. Câncer infantil: ao combate! *Abrale*, São Paulo, n. 26, set./nov, 2013.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Pulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

- CARDOSO, Flávia Tanes. Câncer infantil: aspectos emocionais e atuação do psicólogo. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, jun. 2007. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v10n1/v10n1a04.pdf> > Acesso: 05 maio. 2016.
- CONFESSOR, F. I. C. *Novas Tecnologias: desafios e perspectivas na educação*. Clube dos Autores, Brasil, 2011. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=FhpTBQAAQBAJ&pg=PA4&lpg=PA4&dq=novas+tecnologias+confessor&source=bl&ots=vJyQO4aT3k&sig=a1aZdqde2cOgIoCzPw2mZIUthQU&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjB-qeNpufPAhUBIJAKHWn8DfYQ6AEIJzAC#v=onepage&q=novas%20tecnologias%20confessor&f=false> > Acesso: 24 abr. 2016.
- DAMAZIO, Lucas Pereira; OSNILDO, Reginaldo. As transfigurações míticas: dos clássicos aos digitais. *Revista Memorare*, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 97-116, maio 2018. ISSN 2358-0593. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/6303/3815>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- D'ALVIELLA, Conde Globet. *A migração dos símbolos*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. 6. ed. Portugal: Edições 70, 1993.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da Filosofia da Imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl. *O homem e seus símbolos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl G. *O Homem e seus símbolos*. 6. ed. esp. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.
- LEPRI, Patricia Maria Fassina. A criança e a doença: da fantasia à realidade. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, dez. 2008. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v11n2/v11n2a03.pdf> > Acesso: 05 maio. 2016.
- LOEB, Jeph; MORRIS, Tom. *Heróis e Super-Heróis*. São Paulo: Madras, 2005.
- MATOS, Cristiano Zanetta de. *Entrevista concedida aos autores*. Tubarão/SC, 2016.
- MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. *A descoberta e a vivência do virtual: experiências infantis*. Florianópolis: Dioesc, 2012.
- _____. *Sob a perspectiva do imaginário: os mitos como categoria dos estudos da cultura e da mídia*. In: FLORES, G.B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. *Análise do discurso em rede: Cultura e mídia*. São Paulo: Pontes Editores, 2016, p. 137-177.
- _____. Os youtubers e as relações de identificação e projeção no imaginário infanto-juvenil contemporâneo: discussões a partir da ética da estética. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 182-196. 2017. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75740>. Acesso em 25 jun. 2018.
- MORAES, Heloisa Juncklaus Preis; BRESSAN, Luiza Liene; JORGE, Leidiane Coelho. Sobre trilhos: a memória revisitada pelo apito do trem a partir de um estudo com as lentes do imaginário. *Desenredo - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 14, n. 1, p. 160-176, jan./abr. 2018. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/7381/4848>. Acesso em 18 jun. 2018.
- MUNARIM, I. *A Violência na Programação Infantil da TV e as Brincadeiras das Crianças*. Congresso Sul Brasileiro De Ciências Do Esporte, 2, out/2004. Anais... Criciúma: CBCE/UNESC, 2004.
- REBLIN, Iuri Andréas. A teologia e a saga dos super-heróis: valores e crenças apresentados e representados no gibi. Rio Grande do Sul. *Protestantismo em Revista*, 2010. Disponível em < <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewArticle/54> > Acesso: 06 maio. 2016.

- RIBEIRO, P. J. SABATÉS, A. L. RIBEIRO, C.A. Utilização do brinquedo terapêutico como um instrumento de intervenção de enfermagem no preparo de crianças submetidas à coleta de sangue. *Rev Esc Enferm USP*. 2001. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n4/v35n4a15.pdf> > Acesso: 05 jun. 2016.
- RUBIO, Katia. *O imaginário esportivo contemporâneo: o atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- SALGADO, Raquel. *O brincar e os desenhos animados: um diálogo com os super-heróis mirins*. Entrevista Ponto e contraponto, 2005.
- SANCHEZ, Marisa Leonetti Marantes; EBELING, Vanessa de Lourdes Nunes. Internação infantil e sintomas depressivos: intervenção psicológica. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jun. 2011. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v14n1/v14n1a11.pdf> > Acesso: 05 jun. 2016.
- SANTOS, Silvana Divaneide Paz Dos. *A Influência do lúdico No Ambiente Hospitalar infantil*. Maringá, 2012. Disponível em < http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/SILVANA_SANTOS.PDF > Acesso: 17 abr. 2016.
- SILVA, Antonio Wardison Canabrava da. BREITENBACH, Herivelton. *Fundamentação e Prática da Logoterapia*. São Paulo, 2009. Disponível em < <http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC29750900804C.pdf> > Acesso: 15 set. 2016.
- SILVA, Alexandre de Carvalho Rodrigues. *Cenas narrativas em Batman-Ano Um: descontinuidades e continuidades na caracterização dos super-heróis*. Brasília, 2011.
- SILVA, Luzia Batista de Oliveira. *O Imaginário e os Complexos Imaginários na Obra de Gilbert Durand*. Curitiba, PR: CRV, 2014.
- SOARES, Dionis. CHALHUB, Anderson. *A influência dos super-heróis no processo de diferenciação do self em crianças*. Salvador/Bahia, 2010. Disponível em: < http://revistas.unijorge.edu.br/inter subjetividades/pdf/2010_1_Artigo1_28.pdf > Acesso: 19 out. 2016.
- VIANA, Nildo. Super-heróis e Axiologia. Goiânia. **Revista Espaço Acadêmico**, n.22, mar/jun. 2003. Disponível em < <http://www.espacoacademico.com.br/022/22cviana.htm> > Acesso: 06 abr. 2016.
- VIANA, N. Os super-heróis e a história. *Revista Possibilidades*. Goiânia, 2005.
- WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; KRONBAUERI, Luiz Gilberto. *As HQ's e a formação da consciência moral das crianças*. V CINFE Congresso Internacional de Filosofia e Educação. Rio Grande do Sul. Maio/2010. Disponível em < http://www.uces.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/As%20HQs%20e%20a%20formacao%20da%20consciencia%20moral%20das%20criancas.pdf > Acesso: 06 abr. 2016.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. *Introdução ao Imaginário*. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo. *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 23-42.

Recebido 22 de janeiro 2019

Aprovado 11 de fevereiro 2019